

A poética da resistencia

Igor Lugris

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

LUGRIS, IGOR (2012 [2008]). “A poética da resistencia”. *Galicia Hoxe*. “Revista das Letras”: 735 (4 de setembro), 1-8. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/2304>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

LUGRIS, IGOR (2008). “A poética da resistencia”. *Galicia Hoxe*. “Revista das Letras”: 735 (4 de setembro), 1-8.

* Edición dispoñíbel desde o 2 de agosto de 2012 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

Há umha certa

L U Z
incompreensível
na distância

umha palavra

ADADOFA

Tobío e Lara Bacelo

um sinal ou desejo

Estévez, Elvira Riveiro

a noite

F U L G O R

nom

esgota

o seu

or Lugris, Eduardo

metálico

S L Ê N C I O

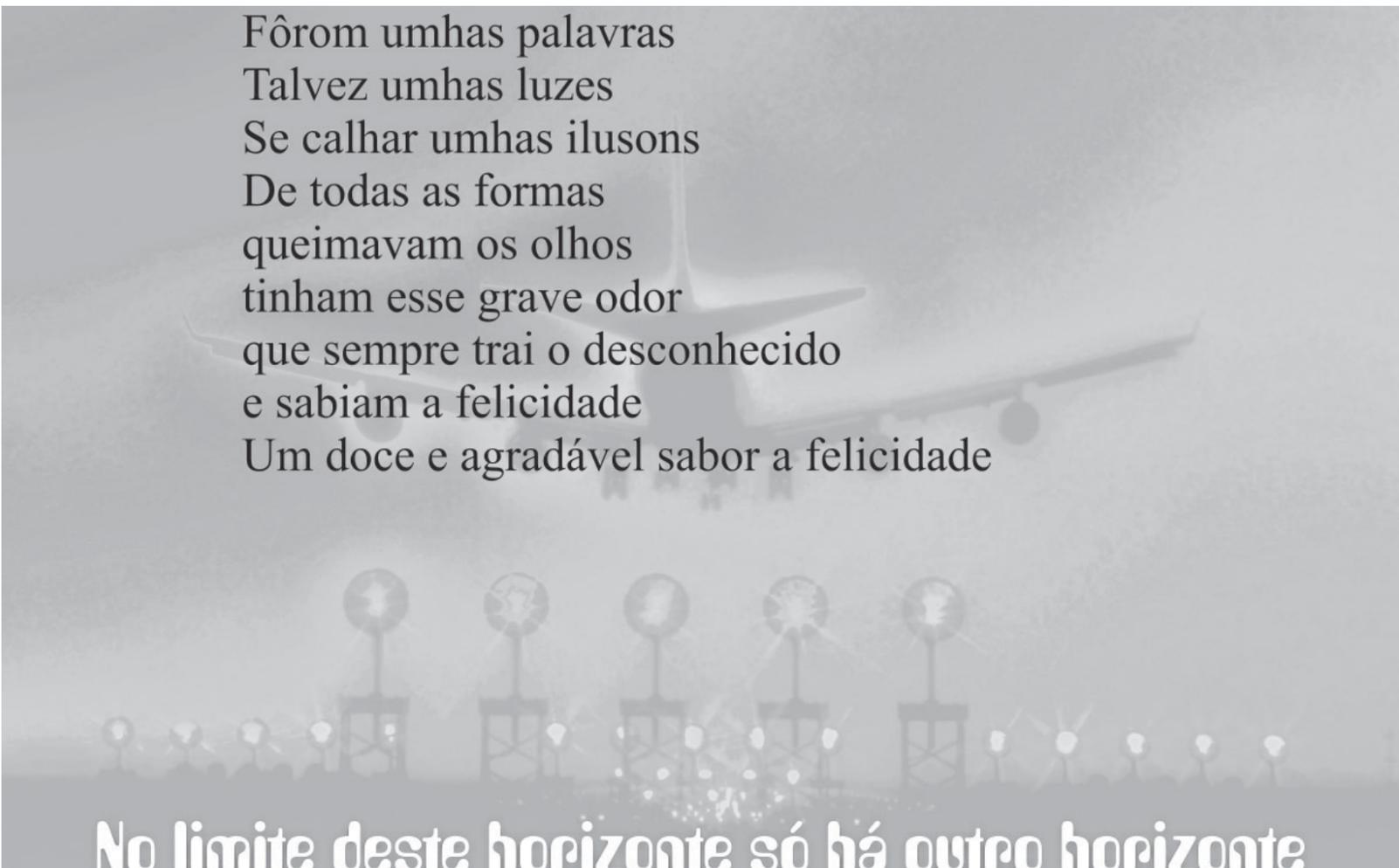
e aqui frente ao

Um cadáver e squisito de Ig

espelho só existe o



Igor Lugrís



Fôrom umhas palabras
Talvez umhas luzes
Se calhar umhas ilusons
De todas as formas
queimavam os olhos
tinham esse grave odor
que sempre trai o desconhecido
e sabiam a felicidade
Um doce e agradábel sabor a felicidade

No limite deste horizonte só há outro horizonte

Igor Luigrís

A poética da resistencia

Identidade. Memoria. Arela de liberdade. Denuncia da uniformización cultural e lingüística, esmagadora da disidencia. Da explotación laboral e da inxustiza mundial. Chamado á resistencia. A camiñar para adiante. Sen medo. A crer en nós. No país. Son os alicerces da poética de Igor Luigrís (Melide, 1971). Unha obra indisociable do activismo cultural. Do compromiso social e nacional. E dunha teima por rachar as barreiras que seguen a afastar os poetas do lector. Con proxectos como o *Cadáver exquisito* –creación colectiva a través de internet– e *Poesía para ver. Poesía para ler*, –poemas integrados en carteis, como os que recolle este número da Revista das Letras–. Cun verso directo, próximo, apegado á realidade. Que intensifica a súa forza en *Mongolia* (2001) e *Livro das confusons* (2007). Sempre á procura da verdade, máis que da beleza, malia atento ao sentido estético. Á busca dun xeito de comprensión do mundo, base da toda transformación posible. Desde o concreto. O graño de area. A iniciativa. Sen agardar pola industria cultural.



O autor da fotografía desta páxina é Benja G. Lainez. A cartel da portada está elaborado a partir dun orixinal do brasileiro Rico Lins. Debaxo deste cartel colocouse o nome do poeta ao que se lle adica este número da Revista das Letras.

1

A Adelino
quando lhe perguntavam
dizia que trabalhava no polígono industrial
E nom era mentira

A sua família sempre tivera umha leira
em aquele terreo
no final da costa de vacas
Fora de seu pai
E da sua avó
E da mae desta
Ele nunca teria vendido
mas foi expropriaçom forçosa
É polo bem de todos
diziam-lhe no bar à hora dos cafés e as partidas

Comprou
justo onde tivera as patacas
umha parcela com o dinheiro que lhe dérom
e a pensom dos anos em Zurique
Só havia três naves
um burger com karaoke
e a sua horta

Quando lhe perguntavam
dizia que trabalhava no polígono industrial
E nom era mentira

2

Podermos transformar o céu
e nom andar por aí com ele
perdendo-o entre as interpretaçons e os mundos
entre os caminhos e as horas

Podermos assaltá-lo
rompê-lo
em mil anacos cada nuvem
como nos rompe a nós
para nom ter que reagir atréu
cada vez que chega o futuro

Podermos entendê-lo
para entender os nossos silêncios
as nossas ignorâncias
para que todo seja mais que um delírio
voluntário
A solidade dum verso alheio
que sempre escapa

Nom existirem estas palavras

3

Olho para as leitugas
enquanto boto água nas fendas da memória
e co sacho golpeio docemente
cada umha das palavras que rodeiam esta casa
“Parabéns”
berram os gatos todos os gatos do mundo
enquanto sigo a cair polo precipício
e oito galinhas cantam
a coro
a melodia das casas habitadas

Um cam dorme diante da porta
aberta

Lentamente
esqueço as horas
os minutos os segundos
até chegar a esta pequena sensaçom de calor
Talvez todo seja arrastar palavras
dum lado para outro
sem cessar
até que alguém escuite
e entom ficar em silêncio
Para sempre

4

Todo é terrivelmente complicado
Mas nom há que se preocupar
com isso
Também o certo é
que
tudo é terrivelmente simples

Igual que distinguir o abalo e o devalo
Igual que ver chover
Igual que pensarmos
que existir é
lembrar distâncias
e falar silêncios

Nom existe mais que
o caminho
O que vives é a viagem
Estou confuso
e nom escuito mais
que o silêncio iluminando
esta noite
cheia de palavras molhadas

Essas luzes que
me rodeam é o lume
da terra

Arder
é a palavra
que procuras

5 *(Compostela vermelha e etérea)*

Compostela vermelha e etérea
os sonhos de licor-café
a terra de pedra que arde
e o mundo que roda sempre do revês

Os livros da madrugada
cafés dentro do café
a lua fala da memória
e dumha história que nom vai morrer

A pátria constroese nas ruas
as ferramentas som todas as maos
as cores das velhas bandeiras
desenham os ritmos das novas cançons
Compostela vermelha e etérea
os sonhos de licor-café
etc...

6

Conheces todas as palabras dos dicionários
em vários idiomas
mas sigues sem saber
o nome próprio da liberdade
o significado da fraternidade
os sinónimos da igualdade
e por isso escreves
enquanto pensas na tua foto
a cores
nos dominicais dos periódicos sérios

7

o citroen saxo tuneado de aitor
soa melhor que o último CD de Eminem
a todo volume
que agora se escuita em toda a aldeia
de zero a cem
polo pentagrama nocturno turbo injection de
luzes de néon azuis
apurando as sensaçons na avenida da liberdade
até exactamente
o monumento aos doadores de sangue
que se interpom na pista de baile com linha
contínua
e decide justo depois do ceda
com um sigiloso estrondo
premir no botom do stop

8

Também estivo aquela outra vez
Quando decidimos assaltar o ceu
da madrugada
ao ritmo dum licorcafé
mentre sonava
ao longe
dentro das nossas cabeças
umha dessas cançons
às que lhe inventavamos a letra
Era quando aprendiamos idiomas
ou palabras

9 *(A miña lingua remix. Ocenic version)*

A minha língua quero na tua boca
e falar com o silêncio dos peixes
tam líquido e húmedo
o falar dos sargos
petaranhas e maragotas
o falar dos xurelos
as sardinhas e as xoubas
Entendermo-nos entre bránquias
Mirarmo-nos entre escamas
Movermono-nos na água
entre fluidos e sabores salgados
como quem durme numha cama na tua cama

10

Ardem as pedras
e sei que nom fuche tu
porque te vim
por última vez
correndo
escapando
cara à praça de Vigo
mentres o caixeiro já
estava ardendo
e internet falava de saltos
também
na Corunha
Vigo
e Ferrol
Ardem as pedras
e amanhã
os jornais
falarám das cinzas
dum mundo impossível
Corre!

Nom há mais amor

butano

Nom há mais butano amor. Quanto tempo tarda em acabar-se todo. Um nom sabe bem que sentimento cria quem esquece o parto, assenta a pele e tensa o corpo.

A procedência da nossa pele é anterior ao anterior. Contornando o jardim botánico sempre há umha princesa porque as laranjas dos reis eram pequenas e doces.

Os teus olhos nom olham o que te bica. Assim che medrou no peito um tambor de buxo. Estou como escrita amor no fundo dos versos fluidos.

